

Crescimento dos ricos surpreende

Berlim — O Fundo Monetário Internacional apresentou ontem em Berlim Ocidental suas projeções sobre as tendências da economia mundial, que se debatem entre um moderado otimismo em relação ao crescimento nos países industrializados e uma preocupação referente à lentidão com que essa tranquilidade se dirige aos países em desenvolvimento.

Ao entrar no apogeu dos trabalhos preparatórios para a assembleia anual do FMI e do Banco Mundial, funcionários do Fundo se declararam tão surpresos quanto os observadores com a inesperada aceleração do ritmo de crescimento econômico nos países industrializados, que superou em mais de um ponto as projeções feitas pelo instituto há apenas seis meses.

A inflação permanece sob controle, embora o Fundo preveja que os países industrializados estão chegando ao limite de sua capacidade instalada, o que desperta temor de um reaquecimento que poderia avivar as pressões inflacionárias.

Segundo o FMI "a experiência sugere que uma aceleração da inflação poderia ameaçar a continuidade do atual período de expansão", que já está em seu sexto ano e é o mais longo desde a Segunda

Guerra Mundial.

Um alto funcionário do Fundo atribuiu a surpreendente aceleração do crescimento a um efeito retardado dos ajustes cambiais coordenados pelas maiores potências industrializadas a partir de 1985, que conduziram finalmente em 1987 a uma redução dos desequilíbrios entre eles e a um aumento na competitividade e nas exportações dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, a primeira manifestação da demanda nos países industrializados favoreceu aumentos substanciais nas exportações dos países em desenvolvimento e nos preços de várias matérias-primas, especialmente os metais.

Em contrapartida, o preço do petróleo continuou caindo, devido ao aumento da produção nos países não membros da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e ao fracasso desta em fazer respeitar as cotas de produção de seus 13 países membros.

Em geral, o ritmo de crescimento do PIB nos países em desenvolvimento assinala em 1988 apenas uma leve melhora desigualmente distribuída, com a pior parte para os exportadores de petróleo e para os países mais endividados.

Pior ainda, a reação rápida dos Estados Unidos de aumentar meio

ponto nas taxas de juros para sufocar a tentativa de ressurgimento de pressões inflacionárias aumentou o custo de serviço das dívidas e anulou os lucros do aumento de exportações dos países em desenvolvimento.

No plano interno, vários dos maiores países em desenvolvimento sofreram retrocessos na luta contra a inflação, com impacto negativo em seu crescimento ao reduzir a demanda e frear os investimentos.

Os países em desenvolvimento que mais se beneficiam do aumento da demanda nos países industrializados são os que "tem sua casa em ordem", ou seja, os que têm ajustado sua política fiscal e, sobre tudo, os exportadores de manufaturas do sudeste asiático: Hong Kong, Coréia, Singapura e Formosa, cujo PIB está crescendo numa média de 8% ao ano.

Ao contrário, estima-se que o PIB do Brasil crescerá somente 1% em 1988, o que significa um sério retrocesso em seu PIB per capita, enquanto o Chile — graças à estabilização do preço do cobre e a uma política fiscal de êxito — está crescendo a um ritmo de cerca de 5%. As perspectivas da economia mundial serão discutidas hoje pelo comitê interino.